

Aristotel et alii, *Despre unitatea intelectului. Fragmente sau tratate*, trad., tabel cronologic, notes și postfață de Alexander BAUMGARTEN, (col. Cogito) Ed. Univers Enciclopedic Gold, București 2012; 372 pp.; ISBN: 978-606-8358-26-0.

O estudo da questão da unidade do intelecto tem uma presença notável nos estudos recentes sobre a filosofia do século XIII e seguintes. A aceitação ou reação dos autores latinos cristão à interpretação de Averróis sobre a teoria do intelecto de Aristóteles suscitou um intenso desenvolvimento de argumentos filosóficos que abrangem os domínios da antropologia, da teoria do conhecimento, da metafísica, da cosmologia. No fundo trata-se de saber se o homem tem um intelecto individual, ou se quando pensa é um intelecto único e comum a toda a humanidade que pensa no homem. O problema é parcialmente de natureza exegética, desenvolvendo-se em torno da interpretação das passagens em que Aristóteles descreve a natureza do intelecto, sobretudo no capítulo 3 do livro III do *De anima*. Procurando realizar uma interpretação literal que restituísse o “sentido original” do pensamento de Aristóteles, no *Grande comentário sobre o De anima* Averróis desenvolve uma discussão das interpretações peripatéticas precedentes para afirmar essa tese da unidade do intelecto, que no século XIII tanto escandalizou os teólogos latinos, mas teve o favor de muitos mestres da Faculdades de Artes inspirados na filosofia de Aristóteles. Com apoio nos textos o desenvolvimento da polémica é aqui acompanhada e explicada até ao seu desenlace na obra de Tomás de Aquino e na condenação de 1277.

O volume inclui a tradução para romeno em face dos textos originais grego ou latino, de excertos de obras de Aristóteles, Alexandre de Afrodísias, Plotino, Temístio, Averróis, Sigério de Brabante. Inclui também dois opúsculos em tradução integral: *Os 15 problemas / De quindecim problematibus* (pp. 94-139) em que Alberto Magno responde a questões discutidas pelos mestres parisienses, e *A unidade do intelecto contra os averroístas / De unitate intellectus contra averroístas*

(pp. 141-225), o tratado com que Tomás de Aquino submete a hipótese interpretativa de Averróis a uma cerrada crítica filosófica. Alexander Baumgarten aborda este problema em paralelo com a outra tese aristotélica averroísta da eternidade do mundo (ver recensão anterior), que considera duas hipóteses de um mesmo e único paradigma filosófico, que tem como tese principal a afirmação da inteligibilidade do mundo, ideia que vem do pensamento greco-árabe. As duas questões haviam sido justamente estudadas a partir da sua conjugação histórico-doutrinal na polémica filosófica da Universidade de Paris em meados do século XIII numa obra precedente de Alexander Baumgarten: *Principiul cerului. Eternitatea lumii și unitatea intelectului în filosofia secolului al XIII-lea* (Cluj 2002; 2ª ed: Humanitas, București 2008), à qual este volume vem fornecer o suporte textual.

A nota introdutória informa sobre os textos editados e traduzidos (pp. 9-12), Mas é o extenso posfácio (pp. 279-357) que fornece a detalhada discussão filosófica dos problemas em discussão e que nasce desses textos inovadores mas obscuros com que Aristóteles inaugura uma nova forma filosófica de explicar o conhecimento humano como um processo que começa na sensação do singular e se conclui na abstração do universal realizada pelo intelecto. Para os exegetas tornava-se então justamente fulcral perceber qual a natureza do intelecto que lhe permite essa função ativa na formação do conhecimento: é interno ou é separado da alma humana? É material ou imaterial? É mortal ou imortal? A tradição peripatética, muito influenciada pelo neoplatonismo, proporia ao longo dos séculos diferentes interpretações para as questões implícitas na formulação de Aristóteles, sempre consideradas difíceis e a necessitar de fundamentação por insuficientes, ou a merecer crítica e rejeição, por incoerentes ou paradoxais. Trata-se de um problema filosófico desenvolvido em torno de interpretações que procuravam compreender a própria posição de Aristóteles.

No século XIII é a teoria de Averróis que provoca escândalo. O *Grande comentário sobre o De anima de Aristóteles* contém uma interpretação que Averróis procurava que fosse literal para melhor captar a posição do filósofo, libertando-a de toda a acumulação de interpretações que acolhiam elementos platónicos, estoicos e outros. É aí que se inclui essa revisão da tradição interpretativa da teoria aristotélica do intelecto, chegando a uma formulação que seria a marca de identidade do averroísmo para os latinos: as duas potências do intelecto, a receptiva e a ativa, não são individuais, o intelecto é uno, único, universal. Quando o homem pensa a verdade é este intelecto uno que atualiza a imagem que reside na imaginação, uma faculdade interna humana que conserva as imagens formadas a partir da percepção sensível. Portanto, como diz de forma lapidar Tomás de Aquino na sua crítica, “este homem não pensa”, de facto seria o intelecto uno que pensa através do homem e, uma vez que nesse caso o intelecto não é individual, também não há uma alma imortal individual, o que para os teólogos latinos é uma consequência inaceitável no plano moral e religioso. No posfácio Alexander Baumgarten estuda a furiosa polémica filosófico-teológica que envolve os mais importantes mestres das faculdade de Artes e de Teologia da Universidade de Paris entre 1270 e 1277, culminando na condenação de 219 teses pelo bispo de Paris em 7 de março de 1277, algumas das quais se relacionam diretamente com a questão da unidade do intelecto. No estudo contextualizador de cada um dos excertos e dos dois tratados incluídos na colectânea, Baumgarten realça como nesta polémica emergem alguns dos temas que marcarão definitivamente a cultura filosófica europeia a partir da individualidade humana centrada na ideia de sujeito que pensa.

Alexander Baumgarten é professor de Filosofia Medieval na Universidade Babeş Bolyai em Cluj, com uma importante e expressiva atividade de investigação e publicação de estudos e diversos livros, onde tem lugar muito importante o esforço de tornar acessíveis os textos filosóficos medievais aos leitores atuais. Dirige várias colecções dedicadas à filosofia antiga e medieval em prestigiadas casas editoras na Roménia, tendo publicado mais de dez volumes de edições bilingues comentadas. Entre os seus projetos mais importantes contam-se a colecção bilingue “Biblioteca Medievală”, nas

edições Polirom, de Iași, com mais de 20 volumes publicados desde 2003, com obras dos mais variados domínios da filosofia medieval e a coleção “Cogito” onde se inclui este volume e o volume sobre a eternidade do mundo recenseado também nas páginas anteriores.

Catalina Elena Prisacaru (Universitatea “Alexandru Ioan Cuza”  
din Iași / Estudante ERASMUS)  
J. Meirinhos (FLUP)